

Aliança Pela Infância realiza mesa-redonda entre três perspectivas pedagógicas

A Aliança Pela Infância reuniu numa mesa-redonda três renomados educadores. Entre eles, um convidado de honra: o professor José Pacheco, que transformou uma escola pública em Portugal, a Escola da Ponte, numa referência de alfabetização e inclusão social. Após seu relato, a doutoranda Maria Alice Proença discorreu sobre o Construtivismo na educação e a Profa. Dra. Sueli Pecci Passerini, da Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), apresentou a Pedagogia Waldorf.

O encontro reuniu cem pessoas no último sábado de março de 2009, na sede da Umapaz (Universidade do Meio Ambiente e Cultura de Paz), no Parque do Ibirapuera, a fim de apresentar aos presentes essas três perspectivas pedagógicas, que são referência e têm interessado milhares de pessoas nas últimas décadas.

A abertura do evento ficou a cargo da Profa. Maria Chantal Amarante, Secretária do Ensino Infantil na Federação das Escolas Waldorf no Brasil. Como colaboradora da Aliança, ela apontou o papel da entidade, que “surgiu nos EUA, na Europa, no mundo todo a partir da união de médicos, pedagogos e terapeutas das escolas Waldorf preocupados com a infância, com a finalidade de trazer o que a aflige e propor soluções, caminhos”.

A Escola da Ponte

Soluções pioneiras, responsáveis pela guinada de um caminho que parecia fadado ao abandono, foi o que se ouviu pela voz do professor Pacheco. Uma delas, e talvez a mais inusitada, foi a de extinguir a prática de sala de aula para, nos últimos 32 anos, dar lugar a uma série de projetos com alunos do ensino fundamental da Escola da Ponte. A narração dessa empreitada começa com um cenário de tristeza e violência em 1976.

As lembranças do professor remetem-se às “turmas de lixo”. Assim eram chamadas as classes de uma escola sem portas, janelas e banheiro, tendo os alunos de fazer as necessidades no mato. “Alunos sujos, descalços, drogados, a maioria da quarta série sem saber ler nem escrever. Professores desmoralizados, mal pagos, muitas vezes feridos pelos alunos.” Diante da frustração, ele conta que pensou em mudar de profissão, porém, algumas perguntas o perseguiram e o fizeram mudar de ideia: — Por que havia as chamadas turmas de lixo? Será que não temos uma prática deficiente de ensino? — Ele foi procurado por duas professoras. “Os outros estavam mortos, morreram aos 20 anos e foram enterrados aos 60”, disse ele. E os três sintetizaram a pergunta inicial: “Por que há turmas?”

Não encontrando nos livros qualquer fundamento para a existência de turmas, eles derrubaram as paredes e reuniram, num só espaço imenso, todos os jovens de até 15 anos. E sempre com a pergunta: “Por que eles não aprenderam a ler?” — e concluíram que a origem do problema estava em terem sido ensinados do mesmo modo. “É preciso dar muitas aulas para se perceber que não se deve dar aulas”, foi mais uma de suas frases contundentes.

A partir de então, aboliram a prática de professor por disciplina. Segundo ele, os alunos que não tinham aprendido a ler em 7 anos aprenderam em 2 meses, porque os professores passaram a direcionar para cada aluno o que cada um precisava. Avesso a rótulos pedagógicos, ele diz que esse movimento lançou mão das ideias de inúmeros estudiosos, entre os quais citou vários expoentes brasileiros. “Estamos em tempo de unificar. Quando nos prendemos a apenas uma corrente, somos fundamentalistas pedagógicos.”

Tampouco exames foram poupados nessa revolução. Foram abolidos. No entanto, o professor conta que há cinco anos os alunos tiveram de realizar uma prova do Estado e obtiveram sucesso. Para o professor Pacheco, isso não importa. Ele destaca a cidadania conquistada, o ambiente de cooperação e autonomia, onde se leva em conta o ritmo e o potencial de cada um. E — emenda — a autonomia tem de ser junto com os demais, senão é narcisismo.

A brasileira Paula Mourão, que trabalha junto a crianças com deficiência ou com dificuldades de aprendizagem, visitou a Escola da Ponte em 2006 e ficou impressionada com o olhar brilhante, a fluência verbal e a aparência saudável das crianças. “A escola está formando cidadãos inseridos na cultura, na atualidade, preparados para estar no mundo.” Ela também compareceu à Umapaz para mais um encontro com o mentor dessa realização.

Dirigida pelos pais, a escola acolhe hoje cerca de 250 alunos, entre 5 e 19 anos, que ali cumprem os nove anos de ensino fundamental. Conquistou autonomia na escolha do corpo docente e autonomia financeira, embora receba recursos do Estado. De acordo com o professor, a renda advinda de trabalhos feitos pelos professores, como livros e palestras, é convertida inteiramente para a escola. O público assistiu ainda a um documentário, que mostra uma assembleia das crianças, evento que faz parte da rotina. Ao final, como não poderia deixar de ser, o professor foi muito aplaudido.

Ação, brincar, busca, autonomia: quatro conceitos à luz do construtivismo

A seguir, a professora Maria Alice Proença iniciou sua exposição agradecendo à educadora Ute Craemer, uma das fundadoras da Aliança Pela Infância no Brasil, o convite para apresentar o Construtivismo e sua relação com a educação. Como suporte, utilizou a projeção de obras de arte, associando-as a conceitos centrais da filosofia construtivista de Jean Piaget. A teoria desse biólogo, filósofo e psicólogo, juntamente com a pesquisa de Lev Vygotsky, fundamentam o Construtivismo.

Uma questão norteou sua palestra: “Como podemos discutir os movimentos de aprendizagem, a relação entre ensinar e aprender, com o olhar em que cada um atua — a seu ritmo e a seu tempo — dentro de uma diversidade, que o professor Pacheco tão bem explorou na Escola da Ponte?”

A professora explicou que, na visão de Piaget, aprender é ‘ressignificar’, ou seja, dar novos significados a conhecimentos prévios, à medida que surgem novos desafios e conflitos. Piaget afirma o tempo todo que as situações em sala de aula precisam de obstáculo. “Se entregarmos tudo pronto às crianças ou educadores, eles não terão condições de aprender e de ver o conhecimento de maneira diferenciada. Nesse espaço não haverá o ‘ressignificar’, e portanto não haverá o processo da aprendizagem.”

Quatro conceitos da pedagogia construtivista foram abordados. Primeiro, a ação. O construtivismo de Piaget trata o conhecimento como uma construção, a partir da ação do sujeito, numa interação com o meio e o objeto do conhecimento. Para Piaget, a inteligência nasce da ação. Para a professora Maria Alice, a interação se faz com as trocas nas mais diferentes situações, no diálogo e no respeito às diferenças.

O brincar foi o próximo tema abordado. Partindo do princípio de que o espírito infantil é essencialmente dinâmico, ela apontou a importância de o educador criar situações que, por meio do brincar, propiciem ao sujeito apropriar-se de seus fazeres e saberes, transformando-os em novos conhecimentos. Disse ser necessário socializar essas experiências, verbalizando-as em sala de aula.

Sempre visando à construção do conhecimento, o terceiro conceito foi a constante investigação. “Devemos educar o olhar para ver o que está ao redor, fazer perguntas, registrar e interpretar.” Atentar aos gestos, aos desenhos, às conversas, de modo que o comentário de uma criança possa servir de desafio para o desenvolvimento cognitivo de outra. Todos os conteúdos devem mobilizar a criança e o educador em busca de alguma coisa, disse ela.

O conceito que mais caracteriza o pensamento piagetiano é o da autonomia, destacou. Ela o aponta como um grande desafio aos que trabalham com educação, pois estes precisam aprender a autogovernar-se e permitir que as crianças busquem o que devem conhecer. “Toda vez em que alguém fizer por uma criança aquilo que ela pode fazer sozinha, estará privando-a de aprender.” Acredita ainda que as situações desafiadoras em sala de aula fortalecem para enfrentar frustrações futuras do dia a dia.

Ao responder sobre educação intercultural, proposta pela filosofia construtivista, elogiou o trabalho realizado pelo orientando Edson da Silva, presente ao encontro. Na creche onde trabalha em Santo André, ele criou a oportunidade para que uma mãe poetisa recitasse poemas para as crianças no intervalo, o que estimulou o engajamento de outros pais. Elogiou também uma creche de Taboão da Serra, que abriu espaço para o avô sanfoneiro de uma das crianças tocar, gerando a partir daí um rico trabalho de participação e valorização da cultura nordestina.

Merece destaque também a seguinte frase da professora Maria Alice: “Cabe aos educadores ouvir os brasileiros, nossas histórias, e perceber que essas vozes somadas vão trazer a consciência de que os nossos saberes também são de grande importância em nossa cultura. E, dentro desse espaço de interação, criar uma rede de pessoas compromissadas com a infância e com a própria formação.” Com aplausos, passou a palavra.

Uma visão profunda da palavra ‘encontro’ mostra que este é a chave de tudo

A Profa. Dra. Sueli Pecci Passerini, fundadora da Colégio Waldorf Micael, onde lecionou por quinze anos, e fundadora da Associação Sophia de Educação Antroposófica, onde atua como Coordenadora Pedagógica, apresentou a Pedagogia Waldorf seguindo uma vertente: encontros. Não apenas entre pessoas, mas numa dimensão mais profunda. Mestre em contos e mitos, narrou de início a fábula da cigarra e da formiga, relacionando a cigarra ao mundo de sonho em que vive a criança e apontando a formiga como a representação da sociedade que quer as coisas tradicionais, certas e seguras.

A fábula foi o descortinar de uma apresentação que revelou uma série de outros encontros, visando sempre a criança. O primeiro deles aponta o educador como mediador, e ocorre entre o que ela chama de uma onda de integração com as inúmeras áreas do conhecimento, que é fragmentado. “Estamos num momento de diálogo da Pedagogia Waldorf com a Escola da Ponte e o Construtivismo de Piaget para integrar os saberes. Essa integração vem como uma onda para que os educadores tenham a possibilidade de fazer o melhor.” Mas lembra que a fragmentação continua sendo necessária. “Eu não poderia falar aqui sobre todas as perspectivas pedagógicas, se mal dou conta de falar de uma parcela da Pedagogia Waldorf.”

O segundo encontro que a professora destacou é do educador com a criança. “Um encontro sagrado de tempo e de almas.” O educador faz a mediação entre o conhecimento tradicional, necessário, e o elemento novo que advém da criança e do conhecimento das novas tendências da sabedoria. “Se entre o educador e a criança conseguirmos criar um espaço para esse encontro, que é sagrado, já teremos feito muita coisa, porque isso implica numa série de valores voltados para o respeito a essa criança e o conhecimento de seu desenvolvimento — seja no âmbito da psicologia, da sociologia, da filosofia, etc.” Explicou que nas escolas infantis Waldorf as professoras pouco falam e muito agem. “Elas criam esse espaço do encontro, onde o importante é ser e agir com a criança, porque explicação nessa idade não adianta.” Não deixou de mencionar também o respeito pelo sono, fundamental nesta pedagogia, mas não pôde aprofundar o tema devido ao curto tempo.

O terceiro encontro se dá no âmbito do lúdico. Mais ligado ao sentimento do que à razão, esse é um princípio básico e constante da metodologia Waldorf. A Profa. Sueli o relacionou com o sonho e com a alma. “O lúdico é a dimensão do sentir no nível do sonho.” Na concepção da Pedagogia Waldorf, o sentir é uma das três capacidades da alma a se desenvolverem ao longo da vida. A capacidade do sentir atua na região torácica. As outras duas capacidades são o pensar e o agir, que atuam respectivamente na cabeça e nos membros e região abdominal.

A Profa. Sueli lembrou ainda que a circulação do sangue no peito tem uma forma de oito. Portanto, esta é uma região central também sob esse aspecto. É igualmente aí que ocorre a intersecção entre a cabeça e os membros, de modo que o sentir é a mediação entre as duas capacidades polares. É o ponto de equilíbrio entre o pensar, a lógica, a razão, ou seja, a inteligência tanto concreta quanto abstrata, e, por outro lado, a ação. Como nada é simples em educação, a Profa. Sueli exprimiu a seguinte frase: a complexidade do aprendizado é

diretamente proporcional à complexidade da alma. “A alma tem um desenvolvimento tal qual o físico, a consciência e a inteligência do ser humano em formação.”

Tudo isso se faz necessário para explicar o lúdico. Porém não à toa, porque este está presente em todos os cantos e momentos das salas de aula de uma escola Waldorf. Pode-se dizer que o lúdico é a alma da didática dessa pedagogia. Como muito bem apresentou a Profa. Sueli, ele está nas cores que o professor utiliza na lousa, no fazer o pão, na música, na eurtmia, nas histórias, no brincar, etc., atividades em que nenhum gesto, nenhuma cor, nenhuma palavra são aleatórios.

“Quando a gente faz teatro, dança, brinca, é uma construção que está ligada a esse encontro sagrado.” O encontro do educador com a criança pressupõe o encontro com ele próprio. “Com sua criança interior”, disse a professora já no início da palestra, que finalizou com a máxima do pensador alemão Friedrich Schiller: “O homem joga, brinca, somente quando é homem no pleno sentido da palavra, e também é homem quando joga ou brinca.”

Em meio aos aplausos, após responderem às perguntas, os palestrantes ganharam o livro recém-lançado pela Aliança. Mais encontros como esse estão agendados. Fiquem atentos.

Texto: Simoni Baliú Fiamenghi